

A QUESTÃO DO “FARDO DAS DESPESAS MILITARES” NA ECONOMIA SOVIÉTICA E SUA INFLUÊNCIA NO DESENCADEAMENTO DA PERESTROIKA: RECONSIDERAÇÕES À LUZ DOS NOVOS DADOS

Antonio Segrillo*

Um dos pontos mais citados quando se discute as dificuldades por que passava a economia soviética nos anos 80 era a questão dos gastos militares. Com a escalada dos custos envolvidos na produção dos armamentos modernos da era nuclear (armas atômicas, mísseis balísticos intercontinentais, etc.), calculava-se que o peso dos gastos militares estaria tornando-se insuportável à economia soviética e seria um dos maiores responsáveis pela crise econômica da URSS nos anos 70-80. Como esta crise econômica era, reconhecidamente, uma das causas que levaram os líderes soviéticos a iniciarem a perestroika (Gorbachev, 1988, p. 17-18), seria então possível dizer que a questão dos dispêndios com defesa foi uma das causas diretas da perestroika? Esta é a problemática que queremos analisar neste artigo, à luz dos novos dados trazidos após a abertura de parte dos antigos arquivos classificados do PCUS aos pesquisadores, na década de 90.

Foi difícil, nas décadas da corrida armamentista, fazer uma estimativa precisa dos gastos militares da URSS, já que seu montante era, literalmente, um segredo de Estado. A única cifra publicada oficialmente, de maneira regular, era o item “*oborona*” (= “defesa”) do orçamento anual do país. Entretanto, esta cifra¹ era visivelmente bai-

* Doutorando em História na Universidade Federal Fluminense.
Textos de História, v. 5, nº 1 (1997): 92-117.

1 Com a abertura propiciada pela perestroika, alguns dos antigos segredos militares soviéticos foram trazidos à tona. Assim, em 1987, o ministro de finanças Boris Gostev admitiu que o valor do item “defesa” do orçamento daquele ano (20,2 bilhões de rublos) cobria apenas as despesas de manutenção e custos de infra-estrutura das forças armadas (salários, pensões, reparos, etc.), excluindo gastos de produção industrial militar, P&D de armas e outros. Isto vinha confirmar uma antiga suspeita dos pesquisadores ocidentais: de que o orçamento de defesa oficial da URSS representava, provavelmente, apenas as despesas operacionais e de manutenção das forças armadas, sendo os demais dispêndios disfarçados entre os outros itens gerais da indústria e ciência no orçamento.

xa demais para cobrir os gastos de um país que se mantinha em disputa constante, em busca de paridade² com os Estados Unidos (Holzman, 1989, p. 101). Isto levava a que, no Ocidente, uma série de instituições e pesquisadores procurassem avaliar o montante “real” dos dispêndios militares da URSS. Na tabelas 1 e 2, apresentamos algumas das estimativas ocidentais no pós-guerra: as da CIA, do Sipri e de William Lee.

As estimativas da Central Intelligence Agency eram as que tinham mais repercussão no Ocidente, com o grande aparato de pesquisadores e o acesso a informações classificadas daquela agência do governo americano. Os estudos da CIA eram criticados, ora por subestimar os gastos soviéticos, ora por superestimá-los. William T. Lee era um dos críticos quanto à subestimação enquanto que o Stockholm International Peace Research Institute (SIPRI) representava a crítica do outro lado. Todas estas divergências eram naturais, pois as metodologias empregadas para tentar suprir a falta de informações oficiais soviéticas sobre o assunto diferiam.

O Sipri utilizava o orçamento oficial soviético como base e tentava complementá-lo com informações de outras fontes primárias e secundárias (Sipri Yearbook, p. 171-172). William T. Lee também partia de fontes oficiais soviéticas, mas não apenas do orçamento e sim dos dados oficiais da indústria e da economia como um todo, tentando reconstituir o “percurso” da produção de bens finais e intermediários de produção (principalmente dos resíduos inexplicáveis pelas estatísticas em cada ramo de produção e que se pressupunha serem destinados secretamente à defesa) e avaliando que parte deles era provavelmente dedicada à produção militar (Lee, 1977, p. 2 e 138-140). A CIA utilizava um método completamente diferente. Baseado na metodologia dos *building blocks*, a agência, coletando informações que não se baseavam exclusivamente nos livros estatís-

2 A tabela 3 apresenta as estimativas dos gastos militares do Pacto de Varsóvia, OTAN, URSS e EUA. Podemos ali notar a tentativa da URSS de manter sua paridade (e do Pacto de Varsóvia) em relação à corrida armamentista com os EUA (e OTAN em geral). Pela tabela, vemos como a União Soviética era responsável, sozinha, pela grande maioria dos gastos do Pacto de Varsóvia como um todo. Se levarmos em conta que o PNB soviético representava de 50 a 65% do americano (em meados da década de 80), vemos como os encargos militares pesavam muito mais sobre a URSS que sobre os EUA.

ticos soviéticos e sim também, em grande parte, no uso de fotografias aéreas de satélites e outras formas de espionagem, procurava determinar a quantidade de materiais/produtos e mão de obra empregados em cada ramo ou subdivisão do setor militar soviético (por exemplo, quantos aviões eram produzidos, quantos soldados serviam em cada divisão, etc). De posse destas informações, a CIA calculava quanto custaria para reproduzir, nos EUA, *em dólares*, um aparato militar de exatamente as mesmas proporções e características (CIA, 1978, p. 13-14; Holzman, 1989, p. 103-104; Sipri Yearbook 1988, p. 134). Isto tudo para se poder ter uma idéia dos gastos comparativos dos dois países em dólares.

Nenhum dos métodos, obviamente, era perfeito. O Sipri era criticado por basear-se demais em informações oficiais soviéticas (e não determinar precisamente sua metodologia) e William T. Lee por fazer algumas pressuposições discutíveis e ter determinadas inconsistências metodológicas (Becker, 1985, p. 6 e 8). A CIA era acusada de passar por cima das diferenças estruturais entre as sociedades soviéticas e americanas ao realizar seus cálculos. Por exemplo, imaginar-se quanto custaria, em dólares, nos EUA, manter-se uma brigada de 50 soldados, não quer dizer que o resultado seja o equivalente da quantia realmente gasta na URSS para manter-se estes 50 soldados (já que os soldos dos militares soviéticos eram mais baixos, relativamente, que nos EUA). Igualmente, o sistema de preços na URSS não obedecia às leis de mercado, sendo fixado administrativamente. Assim, um avião soviético poderia ter seu preço mantido artificialmente baixo (mesmo abaixo de seus custos de produção) custando menos aos ministérios de defesa do que normalmente custaria nos EUA (Sipri Yearbook, 1992, p. 208-212). Além disso, algumas das revisões periódicas que a CIA fazia de suas estimativas tinham sido criticadas pela inconsistência com os cálculos anteriores da própria agência (daí a diversidade de estimativas da CIA na tabela 2)³.

Procuremos agora observar a questão do fardo militar em termos de percentagem de PNB gasto. Se observarmos as tabelas 1 e 2 veremos que as estimativas do Sipri, de Lee e da CIA diferem, não

3 Para uma crítica profunda de inconsistências nas revisões da CIA ver Holzman (1989). O autor levanta suspeitas de uso político das estatísticas da agência.

apenas em magnitude da percentagem de PNB dedicada aos gastos militares, mas também, por vezes, na direção (aumento ou diminuição) das modificações destes gastos. Entretanto, podemos entrever algumas tendências gerais que se pode considerar similares na maioria das estimativas. Se nos guiarmos principalmente pelos dados de Lee e CIA na tabela 1, veremos que, depois de um alto índice de gastos na primeira metade da década de 50 (devido às tensões da guerra da Coreia), houve uma certa diminuição em 56-57, talvez refletindo a atmosfera de maior distensão do período do XX Congresso (com ênfase na melhoria do setor de consumo da economia). No início da década de 60, com a crise dos mísseis de Cuba, o bloqueio de Berlim e a aceleração da corrida armamentista atômica e da fabricação dos caros mísseis de longo alcance, houve um recrudescimento dos dispêndios de defesa, seguido de uma relativa pausa, entre os anos 1963-65, aproximadamente. O período 1966-70 viu novamente uma rápida aceleração nos gastos militares. Os aumentos dos gastos militares em quantias absolutas nem sempre correspondem aos aumentos em percentagem de PNB, pois estes dependem de quão rapidamente cresce o produto nacional bruto do país: o mesmo aumento em termos absolutos representará diferentes proporções do PNB em épocas de crescimento mais rápido ou mais lento da economia como um todo. As décadas de 70 e 80 representam tendências diferentes, em termos de percentagem de PNB. Enquanto Lee vê os gastos subindo constantemente até atingir um auge de 18% do PNB em 1980 (último ano de suas estimativas), a CIA também vê uma percentagem alta do PNB sendo gasta em defesa, mas de forma relativamente constante durante todo o período, com um pequeno incremento na percentagem geral a partir de meados da década de 70. É importante notar que as estimativas da CIA sofreram diversas revisões ao longo do período.

A questão que se colocava era a seguinte. A maioria das estimativas ocidentais apontava que o fardo militar estava atingindo proporções incrivelmente altas na década de 80, às vésperas da Perestroika, e isto numa época em que a economia soviética encontrava dificuldades de crescimento. Vários estudiosos (D. Holloway, W. Lee, M. Castels, etc.) apontavam para o fato de que a defesa poderia estar

requisitando recursos que seriam necessários em outras áreas da atividade econômica (principalmente investimento e consumo). Alguns autores chegavam a colocar a questão do fardo militar como uma das questões-chaves que levou a economia soviética à beira da estagnação em finais da década de 70 e início de 80, sendo portanto um dos pontos “responsáveis” pela necessidade do desencadeamento de uma “perestroika” do sistema. O caríssimo programa SDI (Strategic Defense Initiative, conhecido popularmente como “guerra nas estrelas”), proposto pelo presidente americano Ronald Reagan na década de 80, teria complicado ainda mais a situação, forçando os soviéticos a manter (ou aumentar) os gastos militares às custas de outros setores da economia já sacrificados, o que teria sido uma das “últimas gotas” de estiramento das tensões internas do sistema.

Como avaliar a questão militar na URSS? Teriam os excessivos gastos de defesa contribuído realmente para a decadência econômica do país em finais dos anos 70 e início de 80? Em caso positivo, em que grau? Teria sido realmente este o principal ponto para se explicar a desaceleração da economia no período imediatamente anterior à perestroika?

Antes de entrarmos propriamente nesta avaliação, é preciso colocar que o fardo da defesa não era visto pelos analistas apenas pelo ângulo monetário da percentagem crescente de PNB gasta com fins militares (o que significaria que haveria menos recursos financeiros nas áreas de investimento civil ou consumo). Na URSS, desde os anos 30, havia se formado um sistema de prioridade para o setor de produção militar (Cooper, 1976, p. 3). Devido às conhecidas dificuldades de abastecimento de matérias-primas e componentes no país (com problemas de atraso no fornecimento ou de qualidade dos produtos entregues), o setor militar tinha prioridade na entrega de produtos de melhor qualidade e, freqüentemente, recebia a alocação da melhor mão de obra especializada existente. Uma corrente ocidental de análise inclusive via a economia da URSS como um modelo dual: um setor civil com grande incidência de deficiências e um setor militar bastante eficiente em termos de qualidade relativa de produção (Davis, 1990, p. 155). Esta eficiência era obtida, em grande parte, graças ao sistema de prioridade, que poupava o setor militar das difi-

culdades quotidianas de abastecimento por que passava o setor civil. Além disso, o setor militar tinha, de longa data, seus próprios inspetores de qualidade (os *voenpredy*), com poder e autonomia para rejeitarem *brak* (= “produção defeituosa”) das empresas fornecedoras (MO SSSR, 1976-1980, v. 2, p. 271-272).

Tudo isso fazia com que o setor militar na URSS tivesse uma produção de qualidade, respeitada inclusive em nível internacional⁴. Entretanto, este sistema de prioridade era visto também como uma fonte extra de “fardo” sobre a economia como um todo na medida em que drenava uma proporção excessivamente alta da melhor mão de obra e dos melhores produtos intermediários para si, deixando menos para os setores civis. Isto não seria um problema, se o setor militar servisse como um modelo de eficiência (em termos de processos gerenciais ou tecnológicos) a ser “copiado” ou seguido pelas empresas da economia civil. Entretanto, os críticos apontavam para o fato de que a atmosfera de excessivo sigilo que cercava quase todos os projetos de defesa impedia que as inovações realizadas naquele setor se transferissem automaticamente à área civil. Ou seja, na visão destes críticos, o setor militar funcionava como uma “esponja”, absorvendo uma quota desproporcional dos recursos materiais e humanos do resto da economia e não retribuindo à altura como poderia, com *spin-offs* tecnológicos ou gerenciais (Castels & Kiselyova, 1995, p. 29).

Esta visão do setor militar como “esponja” de recursos é difícil de ser avaliada em vista da precariedade das informações disponí-

4 Um estudo comparativo da corrida tecnologico-militar entre a URSS e os países ocidentais avançados, realizado pelo Centre for Russian and East European Studies (CREES) da University of Birmingham na Grã-Bretanha, resumia assim alguns dos principais aspectos do nível tecnológico comparativo do setor de defesa soviético: “... a relação tecnológico-militar entre a União Soviética e os países capitalistas avançados sofreu variações... Nos anos 30 a União Soviética criou a maior indústria de produção de tanques do mundo e alguns dos seus “designs” para tanques estavam entre os mais avançados. Nos anos 40 e 50 os tanques soviéticos eram superiores à maioria dos tanques ocidentais. Nos anos 60, entretanto, as potências ocidentais criaram vários MBTs (Main Battle Tanks) que dissiparam a liderança dos soviéticos nesta área. Nos anos 70 os soviéticos equilibraram a situação. Quanto à pesquisa de foguetes, os soviéticos estiveram entre os pioneiros neste campo nas décadas de 20 e 30. Após 1945, a URSS embarcou em um programa de mísseis balísticos com base na tecnologia capturada dos alemães. Nos anos 50 a União Soviética clamava para si duas importantes realizações: a primeira explosão bem sucedida de uma bomba de fusão nuclear e o primeiro voo experimental bem sucedido de um ICBM (Intercontinental Ballistic Missile)... Nos anos 60, houve uma aceleração no desenvolvimento das tecnologias americanas de ICBM que deixou a União Soviética bem para trás. Nos anos 60 e princípio da década de 70 a União Soviética introduziu duas novas gerações de ICBMs que ajudaram a dimi-

veis. Primeiramente, sempre foi complicado determinar exatamente o que era especificamente militar nas indústrias daquele setor. Desde os anos 30, a economia da URSS foi planejada para assegurar convertibilidade das indústrias civis e militares para o caso de guerra. Assim, a famosa indústria civil de tratores da URSS foi criada de modo que pudesse ser utilizada para produção de tanques de guerra, caso necessário (Cooper, 1976, p. 13; MO SSSR, 1976-1980, v. 7, p. 662-664). Igualmente, as indústrias dos ministérios militares produziam uma quantidade surpreendente de bens civis que variavam desde gravadores, motocicletas e tratores até... carrinhos de bebê e samovares⁵! Segundo afirmativas do próprio Brezhnev no XXIV Congresso do PCUS, em 1971, 42% da produção dos ministérios militares eram destinados a fins civis. (Brezhnev, 1971, p. 46). Obviamente, o contrário também era verdadeiro: parte da produção civil (por exemplo, aço, matérias-primas, etc.) era consumida pelas indústrias de defesa.

Em segundo lugar, é necessário qualificar a visão de que o setor de defesa transferia muito pouco de suas inovações tecnológicas ou gerenciais para a área civil. Na verdade, isto pode ter variado com o tempo e dependido das condições gerais da economia. Se, por um lado, nos anos 80 esta afirmação parece ter validade, vista de uma maneira geral, por outro lado, alguns autores enfatizaram como o setor militar, por diversas vezes, serviu para forçar a elevação do nível tecnológico da economia como um todo. Cooper (1976, p. 24-25 e

nuir o hiato tecnológico. Assim, a relação entre o nível tecnológico dos dois lados tem variado" (Holloway, 1982, p. 276-277). O estudo do CREES alcançava somente a década de 70. Em 1987, uma avaliação comparativa semelhante foi feita pelo departamento de defesa americano. Em 20 áreas de tecnologias *básicas* (com potencial de aproveitamento militar), os EUA lideravam em 15 campos, a URSS em nenhum e empatavam em 5 (ótica, fontes de energia, carga explosiva convencional, energia direcionada e carga explosiva nuclear). No setor específico de tecnologias de sistemas militares desenvolvidos, de 31 áreas, os EUA lideravam em 16, empatavam em 10 e a URSS liderava em 6 (guerra química, guerra biológica, defesa de mísseis balísticos, minas, defesa anti-satélite e mísseis terra-ar) (JEC, 1988, p. 158-160). É importante notar que esta avaliação se referia somente ao nível da tecnologia em si, e não media necessariamente a eficiência com que estas armas pudessem ser empregadas na prática.

5 Depois de analisar cuidadosamente a que ministérios pertenciam as diferentes empresas soviéticas produtoras de alguns bens civis selecionados, Cooper (1986, p. 38 e 41) concluiu que, dos produtos fabricados em 1980, as indústrias dos ministérios de defesa produziram 100% dos videocassetes, tvs, rádios e câmaras fotográficas, além de (aproximadamente) 10% dos automóveis, 30% das bicicletas, 47% dos refrigeradores, 35% das máquinas de lavar e 33% dos aspiradores de pó.

28) forneceu alguns exemplos da época da industrialização dos anos 30. Naquela década, as empresas militares não apenas diretamente fabricaram entre um sexto e um quinto do total de máquinas-ferramenta do país, como suas excessivas exigências, em termos de qualidade e necessidade de máquinas cada vez mais sofisticadas para fins militares, exerceram uma pressão “para cima” no que tangia demandas técnicas para as empresas produtoras civis, forçando-as a elevar seus níveis tecnológicos. Por exemplo, a necessidade de aço e ligas de alta qualidade para a produção de armamentos levou à criação de empresas com capacidade para tal produção. A aviação civil foi diretamente beneficiada pelas inovações conseguidas na produção de aeronaves militares (um dos setores que tinha maior prioridade no esquema de rearmamento soviético): os aviões civis eram frequentemente adaptações dos modelos militares. Além disso, como colocou um especialista soviético da época, citado por J. Cooper em seu “paper” de 1976:

“...as exigências da indústria de aviação nos outros ramos de produção eram tão grande que elas exerciam um influência decisiva no perfil e desenvolvimento de uma série de outros ramos de produção (metalurgia ferrosa e não-ferrosa, indústria de máquinas-ferramenta, engenharia elétrica, etc.)” (Rinberg, 1935, p. 3).

Assim, a questão do setor militar como uma “esponja” de recursos, em relação à URSS, dependerá do contexto da época. O próprio conceito do setor militar como um “fardo” sobre a economia de um país como um todo é aberto à discussão. Isto é visto mais claramente dentro da economia capitalista. Nos Estados Unidos, por exemplo, grande parte da produção de armamentos é realizada por empresas do setor privado, que recebem encomendas governamentais. Inclusive, uma quantidade significativa desta produção é exportada⁶. Assim, a criação de armamentos não apenas proporciona lucro, como movimenta a economia e gera empregos. Nestas condições, a marca do “apogeu” de 18% do PNB destinado ao setor militar que a

6 Na década que antecedeu a perestroika (1975 a 1985), o valor das exportações de armas dos EUA totalizou 103,5 bilhões de dólares (a preços de 1983). Isto equivalia (em dólares constantes de 1983) à cerca de metade do PNB do Brasil em 1984! (WMEAT 1986, p. 67 e 139).

URSS atingiu nos anos 80 (segundo a estimativa ocidental mais alta entre as apresentadas no apêndice 8) não representaria, necessariamente, um sinal de “fardo insuportável” para a economia. Não existe correlação definitiva entre gastos militares e diminuição da atividade econômica entre os países do mundo. No máximo, pode-se falar de tendências observadas com alguma freqüência. Basta dizer que a URSS não era o país do mundo com maior percentagem de gastos militares do PNB. Israel, por exemplo, no período 1970-1985, empregou uma média anual de 23,8% de seu PNB em defesa e não se observava correlação direta entre os períodos de maiores gastos militares e os de desaceleração econômica no país (WMEAT 1970-1979, p. 63; WMEAT 1989, p. 51).

Entretanto, os exemplos acima são de economias capitalistas, onde a possibilidade do lucro poderia transformar a produção de armamentos em um comércio, mais do que ser unicamente um “fardo na economia”. Mas, e num sistema não-capitalista como o soviético, onde esta possibilidade era mais limitada⁷? Representaria 18% da renda nacional⁸ na década de 80 uma carga insuportável para o país?

Analizando-se exclusivamente a experiência histórica da URSS, também não se chega a uma conclusão definitiva sobre a correlação entre o aumento dos gastos militares e a desaceleração eco-

7 Apesar do potencial lucrativo da indústria de armamentos ser menor na URSS que nos países do ocidente (onde parte da produção é realizada pela iniciativa privada), ele não era de todo nulo no período que precedeu a perestroika. Afinal, a URSS também realizava exportação de armas em larga escala. É verdade que até a década de 60 estas seguiam um lógica mais baseada na ideologia (exportação a países socialistas em moeda local, fornecimento a movimentos de liberação nacional, etc.) que em objetivos comerciais, mas isto sofreu uma mudança posteriormente. “[A partir da década de 70,] apesar das armas soviéticas ainda serem comparativamente baratas, ficou marcada uma mudança nas prática dos anos 50 e 60 quando a URSS oferecia grandes descontos, financiamento em dez anos a juros de dois por cento ao ano, e aceitava mercadorias locais como forma de pagamento. A mudança nesta política veio parcialmente em resposta ao aumento nas rendas dos países produtores de petróleo, alguns dos quais — Iraque, Líbia e Argélia — ficaram entre os maiores compradores dos soviéticos. Mas, mesmo a Etiópia, ao que parece, tinha que cobrir suas compras em moeda forte. O resultado líquido desta política foi melhorar o saldo comercial soviético. Estima-se que, entre 1971 e 1980, 65 por cento da venda de armas soviéticas aos países menos desenvolvidos era em moeda forte, e rendeu \$21 bilhões” (Holloway, 1983, p. 125).

8 Com as revelações da perestroika veio também o montante que os gastos militares “reais” da URSS chegaram a atingir na década de 80. Quem os revelou foi o próprio Gorbachev, em discurso pronunciado em 1990 na cidade de Nizhny Tagil, nos Urais: “...no período do décimo primeiro plano quinquenal, e mesmo no décimo segundo... o peso dos gastos militares chegou a atingir 18 por cento da renda nacional...” (Gorbachev, 1990, p. 2). Assim, na década de 80, os gastos militares chegaram a atingir 18% da renda nacional do país. O conceito de renda nacional sovié-

nômica. O final dos anos 70 e os anos 80 não foram o período de maior percentagem de PNB gasto em defesa. Mesmo excluindo-se o período da segunda guerra mundial, dois outros períodos representaram gastos iguais ou maiores que nos anos 80 em termos de gastos militares em percentagem de PNB: a primeira metade da década de 50, quando, sob a influência das tensões da guerra da Coréia, os gastos atingiram um pico de quase 20% do PNB, segundo estimativas ocidentais (ver dados da coluna CIA-3 na tabela 2) e também os anos que precederam a segunda guerra mundial, na década de 30. Exatamente a primeira metade da década de 50 foi um dos períodos de alto crescimento econômico da URSS. Os anos 30 representam um caso mais complexo, que merece ser analisado em maiores detalhes.

Primeiramente, a década de 30 é um período em que o índice de informações disponíveis no ocidente, principalmente sobre assuntos sigilosos como a defesa nacional, era bem menor que nos anos posteriores à segunda guerra mundial. Com a desintegração da União Soviética e a abertura parcial de antigos arquivos classificados de instituições soviéticas como o Gosplan, o Sovnarkom (Conselho de Comissários do Povo) e outras, está se tornando possível obter uma idéia mais precisa dos gastos militares “reais” daquela época, apesar das informações serem apresentadas ainda em forma fragmentada, resultado de trabalhos de pesquisadores individuais para diferentes anos da época. Na tabela 5 aparecem várias estimativas de gastos militares em percentagem de PNB/PML. Bergson e JEC 1957 realizaram suas estimativas antes da perestroika; Davies e Harrison, na década de 90, tiveram acesso aos antigos arquivos classificados soviéticos. Bergson (1961, p. 149) deixava claro que calculava os gastos de defesa, como colocados oficialmente no orçamento da URSS (apenas excluindo aposentadorias militares), sem pretender desvendar os

tica (chamada no ocidente de Produto Material Líquido), difere do conceito ocidental de Produto Nacional Bruto (– total de bens e serviços produzidos em um país), principalmente pelo fato de incluir somente a produção *material*, excluindo o setor terciário de serviços. Assim, levando-se em conta que em 1985 (segundo Narkhoz 1990, p. 5) o PML soviético representava 74,4% de seu PNB, o máximo de 18% do PML soviético a que se referiu Gorbachev representaria 13,4% do PNB soviético. Esta cifra de 18% do PML (ou 13,4% do PNB) era quatro vezes maior que as cifras apresentadas oficialmente pelos soviéticos no período anterior à perestroika. Pela tabela 2 vemos que as dotações oficiais de defesa do orçamento soviético entre 1981 e 1985 (período do décimo primeiro plano quinquenal) representavam pouco acima de 3% do PML.

dispêndios militares “escondidos” em outras dotações da indústria e ciência. JEC 1957 se propunha a calcular os gastos “reais” de defesa. Analisando-se pelo ano 1940, JEC 1957 chegou a uma avaliação consistente com as descobertas “pós-perestroika” de Davies e Harrison. Apesar de Davies e Harrison não fornecerem dados precisos para os anos 1937-40, se pudermos nos guiar pela percentagem do orçamento soviético oficialmente dedicado à defesa (ver linha “*oficial % orç.*” da tabela 5), observamos que, de 1936-7 até 1940, os gastos com defesa sofreram uma aceleração vertiginosa. É verdade que os anos 1937-40, apesar de serem marcados por crescimento econômico, o foram de maneira menos intensa que em alguns outros períodos da década. Segundo dados oficiais, o Produto Material Líquido da URSS cresceu a médias anuais de 16,2% entre 1928 e 1937 e “apenas” 10% entre 1937 e 1940. Pela perspectiva ocidental, segundo um dos cálculos de Bergson (1961, p. 271), o PNB soviético cresceu a médias anuais médias de 11,9% em 1928-37 e 3,4% em 1937-40. Isto poderia significar que os gastos militares amplificados em 1937-40 repercutiram negativamente no crescimento econômico. Entretanto, isto provavelmente é apenas uma parte da verdade, pois este comportamento parece ter sido parte de um caráter cíclico maior do desenvolvimento da economia no período, do que exclusivamente uma função dos gastos militares.

Na década de 30, a URSS, ao contrário dos países capitalistas, teve um crescimento econômico contínuo. Entretanto, este processo não foi regular. Pode-se distinguir alguns “ciclos” de crescimento mais rápido e menos rápido da economia, devido ao que Davies (1994, p. 154-156) chamou de “crises de superinvestimento”. O excesso de ambição dos planos quinquenais grandiosos, e a radicalidade das transformações estruturais por que passava o país num processo de industrialização forçada, tornava difícil planejar e prever centralmente todos os detalhes destas transformações e manter as proporções devidas entre os diferentes ramos de produção. Periodicamente estas desproporções tornavam-se cada vez mais numerosas. Surgia um momento em que tornava-se impossível cumprir todos os projetos ambiciosos planejados por falta de recursos em alguns setores e excesso em outros: vários projetos, então, se acumulavam como “incomple-

tos” (o que aumentava mais ainda o desequilíbrio da economia, pois contava-se com aqueles projetos para “alimentarem” outros ramos produtivos). Neste momento, os planos anuais tinham que ser revisitos, uma quantidade menor de novos projetos era apresentada e dava-se ênfase a conclusão de projetos já iniciados. Este ritmo mais “calmo” permitia que se aumentasse a percentagem de projetos concluídos como previsto, o que restaurava um melhor equilíbrio e proporção entre os diversos ramos produtivos. Assim, a economia soviética seguia um ritmo cíclico de: excesso de investimento → aumento das desproporções entre os diferentes ramos econômicos → diminuição dos ritmos planejados, com vista à diminuição do número de projetos incompletos, etc. → aumento no número de projetos completados → melhor proporção entre os diversos ramos → retomada de ritmos rápidos de crescimento → nova fase de investimentos e planos ambiciosos. A maioria dos estudos ocidentais do fenômeno vê as seguintes fases de crescimento *mais rápido* (+) e *menos rápido* (-): 1928-1930 (+); 1931-33 (-); 1934-36 (+); 1937-40 (-); 1940 (+) (Davies, 1994, p. 154). As estatísticas oficiais soviéticas também apontam estes “ciclos”, mas com pequenas diferenças em alguns anos (*Ibid.*). Assim, segundo os dados soviéticos, o ciclos são os seguintes: 1928-1931 (+); 1932-33 (-); 1934-36 (+); 1937-38 (-); 1939-40 (+).

Assim, em relação aos gastos de defesa nos anos 1937-40, não parece que eles tenham sido os *principais* causadores da desaceleração do crescimento econômico do período (apesar de possivelmente também terem contribuído, em parte, para isso, juntamente com os efeitos negativos que os grandes expurgos da época tiveram sobre a camada de quadros da administração). Como vimos acima, esta desaceleração parecia se inserir num quadro cíclico maior da economia. Tanto que o ano de 1940, exatamente o ano de maiores dispêndios militares até então, foi um ano em que o crescimento se acelerava novamente.

Além dos anos 1937-40, o período do primeiro plano quinquenal (1928-32) que, pelo menos até a década de 70, era considerado, no ocidente, um período em que os gastos militares estavam num nível relativamente moderado em termos de percentagem de PNB, também foi marcado por gastos militares que, se não eram da magni-

tude de 1937-40, eram, no mínimo, o dobro, do que se julgava com os dados disponíveis antes da perestroika (Davies, 1993, p. 580). Ou seja, a maior parte dos anos 30 foi marcada por um nível relativamente alto de gastos militares, com um pico no final da década. Entretanto, também foram marcados por acelerado crescimento econômico. Além disso, como podemos ver comparando as tabelas 6 e 4, as taxas de crescimento anual médio de gastos militares na URSS foram incomparavelmente mais altas nos anos 30 que nas décadas posteriores à segunda guerra mundial: 26,6% entre 1928 e 1940 (Ofer na tabela 6) contra médias anuais pouco acima de 3% para todo o período 1955-85 (segundo o mesmo Ofer na tabela 4). Ou seja, na década de 30, o impacto da introdução da crescente militarização foi muito maior, pois partiu-se de um patamar menor em termos de gastos com defesa. Nas décadas do pós-guerra, em que a URSS já partiu de um patamar mais elevado em termos de economia militarizada, os aumentos de dispêndios com segurança nacional foram menores e mais igualmente distribuídos ao longo do tempo. Se houvesse alguma correlação direta entre aumento de gastos militares e impacto desagregativo na economia como um todo, esta correlação deveria ter se feito sentir mais fortemente na década de 30 do que no pós-guerra (quando os gastos se mantiveram constante e uniformemente altos, tanto em períodos de rápido quanto de mais lento crescimento econômico).

Assim, a questão do “fardo dos gastos militares” na economia soviética tem que ser vista dentro dos diferentes contextos históricos. Um alto nível de gastos militares, não representa *automaticamente* desaceleração econômica. Tudo dependerá de como esta “economia de guerra” se encaixa no modelo econômico geral do sistema (Holloway, 1983, p. 171). Ao que tudo indica, nos anos 30, por exemplo, em que o processo da industrialização inicial de uma economia menos sofisticada exigia grande concentração de recursos em áreas básicas (construção de grandes usinas hidroelétricas, produção de aço, máquinas-ferramentas, etc.), a “disciplina” e hierarquia na distribuição de recursos estimulada pela economia militarizada parece ter servido de estímulo para forçar os ritmos da “industrialização forçada” (*Ibid.*). Já na década de 80, com uma economia industrial e desenvolvida, uma população de nível educacional alto e hábitos urbanos mais

exigentes, as contradições entre as demandas do setor civil e militar estavam se tornando mais agudas. Além disso, os padrões industriais mundiais estavam caminhando em direção ao que Piore & Sabel (1984) chamavam de *especialização flexível* (Segrillo, 1997, p. 69). Esta flexibilidade exigida pelos novos paradigmas industriais entrava em contradição com o caráter eminentemente rígido de uma economia militarizada.

Assim, o problema do “fardo militar”, no caso soviético, parece não ser uma questão de quantias ou percentagens em si, mas sim da maneira como este setor militarizado “se encaixa” na economia como um todo. Nos anos 30, a economia militarizada parece não apenas não ter atrapalhado, como talvez inclusive ter possibilitado um crescimento econômico baseado na industrialização forçada. Na época do pós-guerra, na primeira metade dos anos 50, o alto índice de gastos militares também não impediu um rápido crescimento econômico⁹. Quanto às décadas de 70 e 80, a maioria dos analistas ocidentais parece ter visto uma contradição emergindo entre o setor militar e civil da economia. Mas, se por um lado as demandas do setor militar pareciam estar se tornando excessivas para as condições da economia como um todo, parece ser exagerado colocar este processo como um de causalidade (como, por vezes, o colocam certos autores), ou seja, dos gastos militares causando a desaceleração econômica, e sim como o caso de uma economia algo claudicante, que já continha falhas, e que não estava mais em condição de manter um aparato militar tão grande. Para tornarmos esta idéia mais clara, podemos traçar um paralelo, no mundo ocidental, com o aparato de *welfare state* europeu (salários-desempregos, medicina gratuita, etc.) que, nos dois últimos decênios, tem estado sob ataque até nas tradicionais sociedades democráticas do continente. Não é que os gastos do *welfare state* tenham *causado* a desaceleração econômica de certos países europeus nas décadas de 70 e 80 (como, por vezes, parecem sugerir alguns economistas monetaristas) e sim que, devido à uma crise estrutural

9 Mesmo no setor de consumo (onde o problema dos gastos militares é frequentemente colocado como o dilema “guns versus butter”), o nível de consumo per capita da URSS parecia estar mais ligado a outros fatores como, por exemplo, o desempenho da agricultura (e produtividade agrícola) – são famosos os efeitos devastadores sobre a economia soviética dos anos de má colheita! – do que propriamente a aumentos e diminuição nos gastos militares (Cohn, 1970, p. 174).

(cujas causas estão em outra parte e são ligadas também às mudanças no paradigma industrial mundial), as economias européias encontram maiores dificuldades de manter um aparato tão grande da rede social do *welfare state* quanto antes. Mas o fato de as despesas do *welfare state* terem estado se tornando um fardo pesado num mundo de mercados menores e competição intensificada e flexível, não significa que estas despesas tenham sido a *origem* destes problemas da desaceleração das décadas de 70 e 80¹⁰.

- 10 Alguns estudos econométricos parecem confirmar esta tese de que os gastos com defesa, apesar de representarem um fardo considerável na economia, não seriam a principal causa da desaceleração econômica da URSS. Becker, na resenha que fez em 1985 de três estudos econométricos ocidentais de simulação de substituição de gastos militares soviéticos por investimentos civis – Hopkins/Kennedy (de 1982), Wharton Econometric-SOVMOD (de 1983) e Hildebrandt (de 1983) – chegou à conclusão que, sem a resolução do problema da estagnação da produtividade na economia, que a URSS vinha sofrendo nos anos 70 e 80, uma diminuição nos gastos com defesa teria pouco efeito prático para uma renovada aceleração da atividade econômica soviética. “A importância desta conclusão é realçada se considerarmos a magnitude da melhoria [econômica] resultante de uma diminuição dos custos de defesa. Os vários estudos de simulação de maneira geral concordam que os benefícios de crescimento advindos de uma limitação do aumento dos gastos militares são limitados. Apesar do orçamento de defesa ser grande, as mudanças postuladas nestes estudos e a magnitude da desaceleração real de gastos [militares] são relativamente pequenos em comparação ao imenso volume de capital fixo da sociedade... A diferença entre os gastos militares mantidos após 1976 a uma taxa assumida de 4,5% e a taxa limitada [dos estudos] teria totalizado, em 1982, cerca de 37 bilhões de rublos... Se esta quantia consistisse inteiramente de materiais e equipamentos facilmente transformáveis em recursos para investimentos,... o investimento industrial teria aumentado, neste período, em 13 por cento, mas isto teria adicionado apenas 6 por cento ao valor do capital industrial fixo ao final de 1981... Assim, os cortes [nos gastos militares] teriam que ser mais substanciais e prolongados para se ter um impacto mais significativo nas taxas de crescimento do PNB. Dependendo de como estas economias fossem realocadas, os efeitos no consumo poderiam ser mais aparentes. Assumindo que os cortes em gastos com encomendas militares fossem alocadas à formação de capital, Hildebrandt foi o mais pessimista entre os estudos citados, estimando que, se o orçamento de defesa fosse congelado ao nível de 1980, seria obtido um aumento anual de apenas 0,5 por cento em consumo per capita. Hopkins e Kennedy eram mais otimistas: no seu estudo, o congelamento do orçamento de defesa renderia um aumento em consumo per capita de 1 por cento. Apenas se a diminuição dos gastos militares fosse acompanhada de outras medidas que aumentassem a produtividade dos recursos em uso... os efeitos teriam sido substanciais, mesmo a médio prazo” (Becker, 1985, p. 32-33). Dessa forma, a chave para os problemas de desaceleração econômica estava na resolução do problema da estagnação na produtividade a partir dos anos 70, e não nos gastos de defesa *em si*. Ou seja, era possível um cenário (que aliás era o que ocorreu nos anos 30 e parte das décadas de 50 e 60) em que aconteceria um aumento de gastos militares, *concomitante* a um aumento no *consumo* e (rendimento de) *investimento*: bastaria que a produtividade fosse crescente. Como a partir dos anos 70 a produtividade estava estagnada (ou mesmo decrescente, segundo alguns autores ocidentais), os gastos com defesa se tornavam um fardo pesadíssimo. Entretanto, de nada adiantaria realizar cortes militares, se não fosse resolvido a raiz do problema, que era a *estagnação na produtividade*. Esta é uma das razões porque os esforços posteriores de Gorbachev de realizar cortes no orçamento militar e de reconversão de indústrias militares em indústrias civis não renderam os resultados desejados.

Tabela 1
Gastos militares soviéticos, diversas estimativas,
1950-1985 (bilhões de rublos)

ano	Soviético oficial (preços correntes)	SIPRI 1979 (preços correntes)	Sipri década 80 (preços correntes)	Lee 1 (preços correntes)	Lee 2 (rublos de 1970)	CIA 1 rublos de 1970 (média)	CIA 2 rublos de 1970 (extremos)
1950	8,3		17,1				
1951	9,4					26,0	19-33
1952	10,9					26,5	20-33
1953	10,8					24,5	19-30
1954	10,2					25,5	20-31
1955	10,7		23,3	14,0		30,0	24-36
1956	9,7			12,5		28,5	23-34
1957	9,1			12,5		25,5	21-30
1958	9,4	17,0		13,5		26,0	22-30
1959	9,4	18,4		15,0		25,5	22-29
1960	9,3	18,3	21,8	16,0		27,0	23-31
1961	11,6	22,8		18,5		30,0	26-34
1962	12,6	24,9		21,0		33,5	29-38
1963	13,9	27,3		23,0		35,0	31-39
1964	13,3	26,1		24,5		38,0	34-42
1965	12,8	25,1	30,0	26,0		39,0	35-43
1966	13,4	26,3		28,0	29,2	40,0	36-44
1967	14,5	28,5		32,5	33,0	43,0	39-47
1968	16,7	32,4		38,5	38,5	46,0	42-50
1969	17,7	34,6		42,0	42,2	47,5	43-52
1970	17,9	35,2	42,0	46,0	46,5	48,5	44-53
1971	17,9	35,7	42,7		52,0	59,5	45-54
1972	17,9	36,3	43,3		56,5	51,0	46-56
1973	17,9	36,9	44,0		63,5	53,0	48-58
1974	17,7	37,4	44,7		69,0	56,5	51-62
1975	17,4	38,0	45,4		77,0	59,0	53-65
1976	17,4	38,5	46,0		83,5	62,5	56-69
1977	17,2	39,1	46,7		89,0	63,0	56-70
1978	17,2	39,7	47,4		98,0	64,5	57-72
1979	17,2		48,0		107,0	67,0	59-75
1980	17,1		48,7		117,0	70,5	62-79
1981	17,1		49,5				
1982	17,1		50,2				
1983	17,1						
1984	17,1						
1985	19,1						

Tabela extraída, com adaptações e adições, de Becker, 1985, p. 4. Complementação do presente autor: dados para os anos 1950-54 e 1984-5, a coluna CIA 2 além de precisão em casas decimais dos dados da coluna CIA 1.

Fontes:

Coluna **Soviético Oficial Rublos correntes** (= dotação do item “*oborona*” [“defesa”] no orçamento anual oficial da URSS): anos 1958-85, Narkhoz de cada ano; Anos 1950, 1953, 1955 e 1956 de Narkhoz 1958, p. 900; anos 51 e 52 de Moorsteen & Powel, 1966, p. 630; ano 1954 de Plotnikov, 1954, p. 531; ano 1957 de Minfin, 1962, p. 19.

Coluna **Sipri 1979**: Sipri Yearbook, 1979, p. 38-39.

Coluna **Sipri década de 80**: Sipri Yearbook 1980 (p. 25), 1981 (p. 102), 1982 (p. 146) e 1983 (p. 167).

Colunas **Lee preços correntes**: Lee, 1977, p. 97 (ano 1975, projeção)

Lee rublos de 1970: U.S. House of Representatives, 1980, p. 22 (cifras são médias arredondadas dos dados de LEE).

Coluna **CIA 1**: médias arredondadas dos dados fornecidos pela CIA na coluna CIA 2.

Coluna **CIA 2**: cifras representam estimativas mínimas e máximas dos gastos de defesa da URSS para cada ano, calculadas pela CIA em JEC, 1982, p. 123. Variações representam definições mais estreitas ou mais abrangentes do conceito de “gastos de defesa” (incluir ou não, parte da pesquisa aeroespacial, gastos com segurança interna, etc.).

Tabela adaptada, com modificações e adições de Becker, 1985, p. 13.

Fontes:

Coluna **URSS oficial % PML** (= valor do item “defesa” no orçamento oficial soviético em percentagem do Produto Material Líquido soviético; valores entre parênteses após 1980, representam % de PNB): anos 1958-90 de Narkhoz de cada ano. Anos 1950, 1953, 1955, 1956 calculados de Narkhoz 1958, p. 900 e *Yearbook of National Accounts Statistics* 1960, p. 263. O conceito soviético de renda nacional produzida (= Produto Material Líquido) inclui somente a produção material, excluindo o setor terciário de serviços. A partir de 1988, o anuário estatístico Narodnoe Khozyaistvo começou a publicar também estimativas de PNB (Produto Nacional Bruto, que inclui serviços) do país, de onde foram retiradas as percentagens de PNB entre parênteses. Até 1988, quando os gastos reais de defesa da URSS eram um segredo de estado, o item “defesa” do orçamento cobria apenas gastos com manutenção (salário, etc.) das forças armadas (excluindo produção de armamentos, pesquisa, etc.). Com as revelações por Gorbachev (1990, p. 2) dos **reais** gastos militares da URSS (“os gastos com defesa [na década de 80] chegaram a atingir 18% do PML”), o notável aumento das percentagens em negrito para 1989 e 1990 é devido ao fato de que, naqueles anos, os gastos militares passaram a ser discriminados *em sua totalidade* na rubrica “defesa” do orçamento oficial da URSS (e não dispersos por outras dotações orçamentárias da ciência e indústria, como antes).

Colunas **URSS-SIPRI** (diferentes avaliações do Sipri dos gastos militares soviéticos, a preços de mercado): **Sipri 1979**, de Sipri Yearbook 1979, p. 38-39; **Sipri 1980-81**, de Sipri Yearbook 1980, p. 29 e 1981, p. 166; **Sipri 1982-1983**, de Sipri Yearbook 1982, p. 150 e 1983, p. 171..

Coluna **Lee preços correntes**: Lee, 1977, p. 98.

Coluna **Lee rublos de 1970**: U.S. House of Representatives, 1980, p. 22 (ano de 1980, de United States Senate, 1980, p. 9)

Colunas **CIA** (avaliações da CIA em diferentes épocas; todas a custo dos fatores):

Coluna **CIA 1**: de JEC, 1984, p. 214 e de depoimento do en-

tão diretor da CIA, Stansfield Turner, em JEC, 1981, p. 137 de que "... os gastos com defesa [da URSS] representaram de 11 a 13 por cento do PNB entre 1965 e 1978; uma proporção, a grosso modo, constante. Mas, já que a economia não tem crescido tão rapidamente, esta proporção subiu para 12 a 14 por cento [desde 1978]."

Coluna **CIA 2** (após revisão das cifras da CIA, devido à reforma de preços de 1982 na URSS): JEC, 1988, p. 124 e JEC, 1990, p. 60.

Coluna **CIA 3**: média entre os extremos da coluna CIA 4.

Coluna **CIA 4**: calculada de JEC, 1982, p. 123 e 52-54. cifras representam estimativas mínimas e máximas dos gastos de defesa da URSS para cada ano, calculadas pela CIA. Variações representam definições mais estreitas ou mais abrangentes do conceito de "gastos de defesa" (incluir ou não, parte da pesquisa aeroespacial, gastos com segurança interna, etc.).

Coluna **EUA-SIPRI** (percentagem do PIB americano empregado em gastos militares): ano 1950 de Sipri Yearbook 1980, p. 29; anos 1952-72 de Sipri Yearbook 1974, p. 208-209; anos 1973-75 de Sipri Yearbook 1981, p. 166; anos 1976-85 de SIPRI Yearbook 1986, p. 243; anos 1986-88 de Sipri Yearbook 1989, p. 188.

Tabela 3

Gastos militares a preços constantes e correntes (em bilhões de dólares), segundo cálculos de SIPRI (S.) e USACDA (U.)

ano	1950	1955	1960	1965	1970	1975	1979	1979	1980	1985	1985	%
	x	x	x	x	x	x	x	xx	xx	xx	xxx	1985
EUA (S.)	39,5	98,2	100,0	107,2	130,9	110,2	110,1	138,8	144,0	204,9	266,6	30,9
OTAN (S.)	67,4	142,6	150,4	168,0	193,9	184,9	191,8	248,2	256,3	327,7		49,4
URSS (S.)	37,7	51,2	48,0	65,9	92,5	99,8	105,7	129,9	131,8	146,2		22
P.V. (S.)	40,7	54,2	51,4	71,3	100,8	110,3	118,0	142,3	144,3	160,1		24,1
Mundo (S.)								561,8	567,0	663,1		100
EUA (U.)					128,8	108,5	112,3		144,0		265,8	27,8
OTAN (U.)					192,4	183,3	195,2		188,9		409,2	42,5
URSS (U.)					127,8	151,4	166,7		198,2		277,2	28,8
P.V. (U.)					150,0	178,1	193,6		233,3		329,7	34,2
Mundo (U.)					425,4	474,7	521,4		719,0		963,4	100

Fonte: SIPRI Yearbook 1980, p. 21 e Sipri Yearbook 1986, p. 231 e 238; WMEAT 1970-1979, p. 43, 46, 76 e 81 e WMEAT 1989, p. 31, 35, 65 e 69 (dados aproximados à primeira casa decimal, quando necessário).

Notas:

1. SIPRI = Stockholm International Peace Research Intitute. USACDA = United States Arms Control and Disarmament Agency. WMEAT = World Military Expenditures and Arms Transfers (publicação anual da USACDA). Para avaliação dos gastos militares dos países comunistas, USACDA utiliza dados da CIA, enquanto que SIPRI utiliza publicações oficiais complementadas por avaliação independente através de outras fontes primárias e secundárias. Para outros países, ambas agências utilizam publicações oficiais da OTAN e dos países envolvidos. Conceito de gastos militares segue modelo descritivo da OTAN.

2. Anos X em dólares constantes e taxas de câmbio de 1978. Anos XX em dólares constantes (e taxas de câmbio) de 1980. Ano XXX em dólares correntes de 1985 e taxas de câmbio do mesmo ano. Para países comunistas, ambas agências utilizam cálculos de paridade de poder de compra ao invés das taxas de câmbio oficiais. Devido à utilização de anos-base diferentes para os dólares constantes (1978 e 1980, além de dólares correntes de 1985), a comparação horizontal pelas linhas só é aconselhável dentro do período calculado a dólares do mesmo ano-base. A comparação vertical (pelas colunas) é sempre possível. A discrepância estatística causada pelo uso dos anos-base diferentes pode ser avaliada comparando-se as colunas 1979X e 1979XX, além de 1985XX e 1985XXX. A coluna % 1985 mostra a participação de cada país ou região em relação ao total das despesas mundiais (em percentagem).

3. P.V. representa países do Pacto de Varsóvia, incluindo URSS. Total OTAN inclui EUA. Devido às conhecidas dificuldades de cálculo das "reais" despesas militares da União Soviética, os dados para aquele país e o P.V. devem ser vistos como aproximações indicativas, com grande margem para erro.

Tabela 4

Crescimento anual médio dos gastos militares
no pós-guerra, diferentes estimativas

	1955-1960	1960-1965	1965-1970	1970-1975	1975-1980	1980-1985
EUA (Sipri)			4,7	-2,2	0,2	7,4
URSS (Sipri)			7	1,5	1,5	
URSS (CIA)				4	2	2
URSS (OFER)	-2,1	6,1		3,8	2,6	2,2

Fontes:

SIPRI: anos 1965-70 em Sipri Yearbook 1969/70, p. 28 (a dólares constantes de 1960); anos 1970-80 em Sipri Yearbook 1981, p. 150 (a dólares constantes de 1978). 1980-85 (EUA) de Sipri Yearbook 1986, p. 212 (a dólares constantes de 1980). Cifras para URSS a paridade de poder de compra.

CIA: 1970-85 de JEC, 1989, p. 103-104 (a rublos de 1982)

Ofer: Ofer, 1987, p. 1778.

Tabela 5

Gastos militares em percentagem de PNB/PML/orçamento da URSS
antes da Segunda Guerra Mundial, diversos anos

	1928	1932	1933	1934	1935	1936	1937	1938	1939	1940	1941	1942	1943	1944	1945
Bergson % PNB	1,6						6,7			14,5				39,8	
JEC 1957 % PNB	2,8						9,0			17,5				35,8	
Davies % PML	4,1	9,0								19,0					
Harrison % PML										17,0	28,0	61,0	61,0	53,0	
Oficial % orçam.	10,0	3,4	3,4	9,0	11,1	16,1	16,4	18,7	25,6	32,6	43,3	59,3	59,5	52,2	42,9
Oficial Gosk. % PML															

Fontes:

Linha **Bergson:** Bergson, 1961, p. 149 (em % de PNB, a custo de fatores do rublo de 1950)

Linha **Davies**: Davies, 1993, p. 602 (em porcentagem do Produto Material Líquido, em rublos correntes)

Linha **JEC 1957**: JEC, 1957, p. 127 (em % de PNB, rublos correntes)

Linha **Harrison**: Harrison, 1996, p. 126 (em % de PNB, a custo dos fatores do rublo de 1937)

Linha **Oficial % orçam.** (= porcentagem do orçamento soviético oficialmente dedicada à defesa): calculada de Plotnikov, 1954 (a preços correntes: anos 1928-32 de página 132; anos 1933-37 de p. 206 e 215; 1938-40 de p. 260; 1941-45 de p. 324; nota: o ano 1928 nesta linha equivale ao ano financeiro 1928-29 de Plotnikov).

Linha **Oficial Gosk. % PML** (= porcentagem do Produto Material Líquido oficialmente reconhecida como dedicada à defesa pelo *Goskomstat*, o novo serviço de estatística da URSS reorganizado durante a Perestroika), (em % de PML, a rublos constantes de 1940), *apud* Harrison, 1996, p. 29-30.

Tabela 6

Estimativas ocidentais das percentagens anuais médias de crescimento dos gastos de defesa da URSS antes da Segunda Guerra Mundial

	1928-1937	1937-1940
Bergson	29,2%	38,5%
Ofer	26,6%	

Fontes:

Bergson (1961, p. 217) (a custo dos fatores do rublo de 1937)

Ofer (1987, p. 1778) (período 1928-40, a custo dos fatores do rublo de 1950)

Referências bibliográficas

- BECKER, Abraham. *Sitting on Bayonets: The Soviet defense burden and the slowdown of Soviet defense spending*. Santa Monica: Rand/UCLA, 1985.
- BERGSON, Abram. *The Real National Income of Soviet Russia Since 1928*. Cambridge: Harvard University Press, 1961.
- BREZHNEV, Leonid Il'ich. "Otchetnyi Doklad Tsentral'nogo Komiteta KPSS XXIV S"ezdy KPSS" ["Relatório do Comitê Central do PCUS ao XXIV Congresso do PCUS"]. Em: KPSS. *Materialy XXIV S"ezda KPSS*. Moscou: Politizdat, 1971, p. 3-106.
- CASTELS, Manuel, KISELYOVA, Emma. *The Collapse of Soviet Communism: a view from the information society*. Berkeley: University of California at Berkeley, International and Area Studies, 1995.
- COHN, Stanley. "The Economic Burden of Soviet Defense Outlays". Em: UNITED STATES CONGRESS, JOINT ECONOMIC COMMITTEE. *Economic Performance and the Military Burden in the Soviet Union*. Washington: US Government Printing Office, 1970, p. 166-188.
- COOPER, Julian M. *Defense Production and the Soviet Economy*. Em: CREES Discussion Papers, Birmingham, série SIPS do Centre for Russian and East European Studies of the University of Birmingham, n. 3, p. 1-56, 1976.
- COOPER, Julian M. "The Civilian Production of the Soviet Defense Industry". Em: AMMAN, Ronald, COOPER, Julian M. (Eds.) *Technical Progress and Soviet Economic Development*. Oxford: Basil Blackwell, 1986. Cap. 2, p. 31-50.
- DAVIES, Robert W. "Soviet Military Expenditure and the Armaments Industry, 1929-1933: a reconsideration". Em: *Europe-Asia Studies*, Glasgow, v. 45, n. 4, p. 577-608, 1993.
- DAVIES, ROBERT W. "Industry" Em: DAVIES, Robert W., HARRISON, Mark, WHEATCROFT, S.G. (Eds.) *The Economic Transformation of the Soviet Union, 1913-1945*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994. Cap. 7, p. 131-157.
- GORBACHEV, Mikhail Sergeevich. *Perestroika: novas idéias para o meu país e o mundo*. São Paulo: Best Seller, 1988.
- GORBACHEV, Mikhail Sergeevich. *Na Ural'isev Mozhno Polozhit'sya* ["Pode-se Confiar no Povo dos Urais"]. In: *Pravda*, Moscou, 19 abr. 1990, p. 1 e 2.

- HARRISON, Mark. *Accounting for War: Soviet production, employment and the defense burden, 1940-1945*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- HOLLOWAY, David. "Innovation in the Defence Sector". In: AMMAN, Ronald, COOPER, Julian. *Industrial Innovation in the Soviet Union*. Londres: Yale University Press, 1982. Cap. 7, p. 276-367.
- HOLLOWAY, DAVID. *The Soviet Union and the Arms Race*. New Haven: Yale University Press, 1983.
- HOLZMAN, Franklyn D. "Politics and Guesswork: CIA and DIA estimates of Soviet Military Spending". Em: *International Security*, Cambridge (EUA), v. 14, n. 2, p. 101-131, outono 1989.
- JEC (US CONGRESS – JOINT ECONOMIC COMMITTEE). *Allocation of Resources in the Soviet Union and China, 1980*. Washington: US Government Printing Office, 1981.
- JEC (US CONGRESS – JOINT ECONOMIC COMMITTEE). *USSR: Measures of Economic Growth and Development, 1950-1980*. Washington: US Government Printing Office, 1982.
- JEC (US CONGRESS – JOINT ECONOMIC COMMITTEE). *Allocation of Resources in the Soviet Union and China, 1986*. Washington: US Government Printing Office, 1988.
- JEC (US CONGRESS – JOINT ECONOMIC COMMITTEE). *Allocation of Resources in the Soviet Union and China, 1987*. Washington: US Government Printing Office, 1989.
- LEE, William Thomas. *The Estimation of Soviet Defence Expenditures: an unconventional approach*. Nova York: Praeger, 1977.
- MO SSSR (MINISTERSTVO OBORONY SSSR). *Sovetskaya Voennaya Entsiklopediya* ["Enciclopédia Militar Soviética"]. Moscou: Voenizdat, 1976-1980. 8 v.
- NARKHOZ – *Narodnoe Khozyaistvo SSSR, Statisticheskii Ezhegodnik* ["Anuário Estatístico da Economia da URSS"]. Moscou: TsSU e Goskomstat, diversos anos.
- OFER, Gur. "Soviet Economic Growth 1928-1950". Em: *Journal of Economic Literature*, Nashville, v. 25, n. 4, p. 1767-1883, dez. 1987.
- PIORE, Michael J., SABEL, Charles F. *The Second Industrial Divide: possibilities for prosperity*. Nova York: Basic Books, 1984.
- PLOTNIKOV, K.N. *Ocherki Istorii Biudzheta Sovetskogo Gosudarstva* ("Ensaios Sobre a História do Orçamento do Governo Soviético"). Moscou: Gosfinizdat, 1954.

- RINBERG, E. M. *Stroitel'stvo Aviapromyshlennosti* ["Construção da Indústria Aeronáutica"]. In: *Aviapromyshlennost'*, Moscou, n. 7, p. 3-4, 1935.
- SEGRILLO, Angelo de O. "Fordismo, Pós-Fordismo e Perestroika Soviética". Em: *Varia Historia*, Belo Horizonte, n. 17, p. 59-70, mar. 1997.
- SIPRI YEARBOOK OF WORLD ARMAMENTS AND DISARMAMENT*. Stockholm: Stockholm International Peace Research Institute, diversos anos.
- US HOUSE OF REPRESENTATIVES. *CIA Estimates of Soviet Defense Spending*. Washington: US Government Printing Office, 1980.
- WMEAT (*World Military Expenditures and Arms Transfer*). Washington: United States Arms Control and Disarmament Agency, diversos anos.
- ZVEREV, A. et al. *Finansy SSSR za 30 Let, 1917-1947* ["30 Anos de Finanças da URSS, 1917-1947"]. Moscou: Gosfinizdat, 1947. 342 p.

Abstract

Este artigo analisa a influência dos gastos militares na economia e no sistema soviético como um todo. Para isso são utilizadas fontes primárias russas e os mais atualizados estudos ocidentais que, aproveitando-se da abertura dos antigos arquivos classificados do PCUS, lançam nova luz sobre esta antiga e discutida questão.

This article analyzes the influence of military expenditure on the Soviet economy. The author used Russian primary sources as well as the latest Western studies which, by utilizing the recently declassified CPSU files, have shed new light on this old problem.

Palavras-chaves

União Soviética, gastos militares, história, política.